


GRAMÁTICA E CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

 DOI NUMBER: 10.33726/akedia2447-7656v18a122026p16a28

SCHNEIDER, Luizane¹ –  <https://orcid.org/0009-0006-9529-5893>

PESSOA, Marcelo² –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: O presente artigo propõe aprofundar a discussão sobre o ensino de gramática na Educação Básica, partindo da análise das múltiplas concepções gramaticais presentes na formação docente e suas implicações para a prática pedagógica. Fundamentando-se em Schneider e Pessoa (2025), discute-se como a coexistência de modelos normativos, descritivos, funcionais e discursivos configura um campo de tensões e possibilidades na educação linguística contemporânea. O trabalho desenvolve uma análise descritiva sobre fenômenos morfológicos, com foco particular na formação de palavras por derivação, visando subsidiar o trabalho pedagógico exigido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente quanto à habilidade (EF67LP35). Apresenta-se, para este fim, uma sequência didática detalhada, estruturada com base na Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (MALA), proposta por Pilati (2017) e aplicada ao ensino de derivação, dado por Martins Júnior e Minussi (2024). A proposta didática visa promover a consciência morfológica em estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, articulando saberes intuitivos e formais, por meio de cinco fases sequenciais que privilegiam a observação, a análise e a metacognição. Os resultados indicam que a integração entre a teoria linguística contemporânea, as metodologias ativas e a reflexão metalinguística é essencial para um ensino de gramática participativo, crítico e coerente com a realidade linguística dos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de gramática, consciência morfológica, metodologia da aprendizagem, linguística ativa, ensino fundamental

ABSTRACT: This article proposes to deepen the discussion on the teaching of grammar in Basic Education, based on the analysis of the multiple grammatical conceptions present in teacher training and their implications for pedagogical practice. Based on Schneider and Pessoa (2025), we discuss how the coexistence of normative, descriptive, functional, and discursive models creates a field of tensions and possibilities in contemporary language education. The work develops a descriptive analysis of morphological phenomena, with a particular focus on word formation by derivation, aiming to support the pedagogical work required by the National Common Core Curriculum (BNCC), specifically regarding skill (EF67LP35). To this end, we present a detailed teaching sequence structured based on the Active Language Learning Methodology (MALA) proposed by Pilati (2017) and applied to the teaching of derivation by Martins Júnior and Minussi (2024). The teaching proposal aims to promote morphological awareness in sixth-grade elementary school students, combining intuitive and formal knowledge through five sequential phases that emphasize observation, analysis, and metacognition. The results indicate that the integration of contemporary linguistic theory, active methodologies, and metalinguistic reflection is essential for participatory, critical grammar teaching that is consistent with the linguistic reality of Brazilians.

KEYWORDS: Grammar teaching, morphological awareness, learning methodology, active linguistics, elementary education

¹Doutoranda em Letras: Linguagem e Sociedade – UNIOESTE / Cascavel – PR. Técnica do Núcleo de Formação de Professores e Gestores da Coordenadoria Regional de Educação de Dionísio Cerqueira/SED/SC.

² Dr. em Letras, Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Doutorando em Linguística, pela UFSCAR. Pesquisa desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

I. INTRODUÇÃO

As discussões contemporâneas sobre o ensino de gramática no Brasil, convergem para a necessidade urgente de superação das abordagens exclusivamente normativas e prescritivas que historicamente dominaram a prática pedagógica desta matéria nas escolas brasileiras. As transformações sociais aceleradas, a complexidade crescente da comunicação contemporânea e a pluralidade de contextos discursivos, formataram contextos que exigiram que a educação linguística adotasse perspectivas significativamente mais amplas, capazes de conciliar o conhecimento formal da língua com suas práticas discursivas reais e devidamente situadas em horizontes plausíveis de realidade (BRASIL, 2018; Geraldi, 1997).

Nessa conjuntura, o ambiente escolar é marcado pela coexistência de diversas concepções de gramática – normativa, descritiva, funcional, sociolinguística e de letramentos que frequentemente entram em tensão nas práticas pedagógicas. Essa pluralidade, embora potencialmente enriquecedora para a formação linguística dos estudantes, impõe desafios significativos à formação docente e à construção de metodologias coerentes e eficazes. Sobre essa questão fundamental, Schneider e Pessoa (2025) afirmam que a coexistência de modelos teóricos distintos não deve ser entendida como mera disputa teórica ou embates verbais acalorados, mas como um campo de tensões e de possibilidades que reflete diferentes concepções de língua, de sujeito e de sociedade.

Diante dessa complexidade, aparatos didáticos como a Metodologia da Aprendizagem em Linguística Ativa – MALA – emergem como alternativas promissoras para a superação de práticas pedagógicas centradas na memorização de regras gramaticais descontextualizadas. A MALA, fundamentada nos pressupostos da pedagogia ativa e da linguística cognitiva (Pilati, 2017), busca o protagonismo do aluno no processo de construção do conhecimento metalinguístico, partindo de sua experiência intuitiva com a língua e conduzindo-o progressivamente à formalização sistemática dos conceitos gramaticais.

Assim dadas tais premissas, temos que o presente artigo se orienta pelos objetivos centrais de: (1) discutir a relevância da concepção ampliada de gramática, para a formação docente, à luz de Schneider e Pessoa (2025), bem como de perspectivas contemporâneas em educação linguística; (2) descrever os fenômenos morfológicos essenciais ao estudo da formação de palavras, com foco particular na derivação, situando essa discussão, no contexto das demandas curriculares brasileiras; e, (3) apresentar uma proposta de ‘sequência didática’ fundamentada na MALA, para um ensino de derivação morfológica, no 6º ano do Ensino Fundamental, com ênfase no desenvolvimento da consciência morfológica.

2. CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA E EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA: REFLEXÕES TEÓRICAS

Ao longo da história do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, a gramática ocupou posição central, quase sempre atrelada à perspectiva normativa. Essa tradição escolar, muito marcada pela memorização de regras e pela classificação de termos em categorias fixas, acabou por distanciar o estudo da língua de sua dimensão social e de seu uso cotidiano pelos falantes. Como observa Travaglia (2009), essa abordagem prescritiva, ainda que cumpra determinadas funções, oferece pouco espaço para a compreensão efetiva dos mecanismos que estruturam o funcionamento linguístico.

Schneider e Pessoa (2025) argumentam que, embora a norma culta possua relevância social e continue a desempenhar papel importante na circulação de saberes valorizados, seu ensino isolado não atende à complexidade do português brasileiro contemporâneo. Para os autores, a formação docente precisa ser ampliada de tal modo, a integrar e problematizar diferentes concepções de gramática – normativa, descritiva, funcional, discursiva e pedagógica – de forma articulada e crítica.

Nesse conjunto, a gramática normativa segue necessária em situações formais e na compreensão das convenções linguísticas que, historicamente, adquiriram prestígio. Contudo, ela não esgota a diversidade de usos da língua. A gramática descritiva, ao analisar como falantes reais utilizam a língua em diferentes contextos, contribui para o reconhecimento da variação linguística e para uma visão mais plural e inclusiva do Português (Labov, 1972; Tarallo, 1985).

A gramática funcional, por sua vez, enfatiza a relação entre forma e função, destacando que escolhas gramaticais estão associadas aos propósitos comunicativos dos falantes (Halliday, 1985), enquanto que a gramática discursiva amplia o foco, considerando que enunciados não existem de modo isolado, mas são produzidos em situações reais, atravessados por dimensões históricas, sociais e culturais (Bakhtin, 1997; Maingueneau, 2015).

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) é documento que constitui um marco importante na reconfiguração do ensino de Língua Portuguesa, ao deslocar a gramática do lugar de fim em si mesma para situá-la como instrumento de análise e reflexão sobre a língua. Nessa perspectiva, o eixo de análise linguística/semiótica deixa de ser um espaço apenas para classificações formais e passa a ser concebido como momento de investigação orientada, em que o aluno observa, questiona e interpreta o funcionamento da língua.

Nesse sentido, a habilidade EF67LP35, prevista na BNCC para o 6º ano, trata da distinção entre palavras derivadas e compostas, é fundamento que não se limita à identificação de estruturas, mas é procedimento que requer o desenvolvimento da consciência morfológica. Essa habilidade busca, assim, formar estudantes capazes de compreender como se organizam os processos de formação de palavras, utilizando esse conhecimento para ampliar repertórios, interpretar textos e produzir enunciados com maior autonomia.

Assim, a BNCC contribui para consolidar uma abordagem reflexiva e contextualizada, em que o ensino da gramática se projeta como parte indispensável do processo de construção de sentido e não apenas como exercício de repetição.

A Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (MALA), formulada por Pilati (2017), surge como uma proposta pedagógica que dialoga com as demandas de um ensino de língua mais investigativo, participativo e significativo. Inserida no conjunto das metodologias ativas e inspirada em pressupostos da linguística cognitiva, a MALA propõe deslocar o estudante da posição de receptor para a condição de protagonista da construção do conhecimento metalinguístico.

Essa metodologia se organiza em torno de três princípios centrais. O primeiro, consiste em partir do conhecimento intuitivo do aluno, reconhecendo que todo falante nativo dispõe de uma competência linguística implícita, que pode – e deve – ser acionada durante o processo de aprendizagem.

O segundo princípio, valoriza a observação de dados reais, estimulando o estudante a identificar regularidades, levantar hipóteses e formular explicações, a partir de situações concretas de uso da língua.

O terceiro pilar, envolve a reflexão metalinguística, momento em que o aluno sistematiza e verbaliza os mecanismos linguísticos que observou, alcançando maior consciência sobre o funcionamento da língua.

A aplicação da MALA ao ensino da formação de palavras tem apresentado resultados promissores. Martins Júnior e Minussi (2024) demonstram que estudantes submetidos a esse tipo de abordagem, avançam significativamente na compreensão da derivação morfológica, especialmente quando comparados a grupos que seguem metodologias tradicionais. Os autores evidenciam que o percurso que vai da intuição à formalização, passando pela análise sistemática de dados, favorece aprendizagens mais profundas e duradouras.

3. FENÔMENOS MORFOLÓGICOS: CONCEITOS, PROCESSOS E ENCADEAMENTOS LINGÜÍSTICOS

A Morfologia, enquanto subcampo constitutivo da Linguística, dedica-se à descrição e explicação dos mecanismos responsáveis pela estrutura interna das palavras e pelos processos que originam novas unidades lexicais. No âmbito da teoria linguística, a Morfologia articula forma e significado, investigando como os falantes combinam partes menores (morfemas) para formar palavras complexas que respondem às necessidades comunicativas da língua (Aronoff, 1976; Booij, 2010). Assim, a Morfologia ocupa lugar estratégico entre o léxico e as demais componentes gramaticais, como a sintaxe e a fonologia, na medida em que estabelece princípios que regulam a composição e a produtividade lexical.

Do ponto de vista educacional, a Morfologia adquire relevância particular, uma vez que sustenta processos de ampliação vocabular, compreensão textual e reflexão sobre os modos de funcionamento da língua. A chamada consciência morfológica, definida como a habilidade de perceber, segmentar e manipular unidades morfológicas, tem sido identificada como variável preditiva significativa de desempenho em leitura e escrita, particularmente no que se refere à decodificação, à inferência semântica e à formação de palavras (Carlisle, 1995; Nagy; Anderson, 1984; Nagy; Herman, 1987).

A estrutura interna das palavras baseia-se, portanto, na distinção fundamental entre morfemas livres (radicais), que funcionam como núcleo semântico autônomo, e morfemas presos (afixos), que dependem do radical para adquirir sentido. Essa distinção, amplamente reconhecida na linguística estrutural e mantida em abordagens mais recentes, constitui o alicerce para a análise segmental e para a compreensão das relações sistemáticas que fundamentam o léxico português (Basílio, 2010; Rocha, 2019).

A distinção entre palavras primitivas, derivadas e compostas representa uma classificação tradicional da morfologia descritiva, mas permanece conceitualmente relevante, pois contribui para uma visão organizada dos processos de formação lexical no Português. Palavras primitivas constituem formas lexicalmente básicas da língua, não derivadas de outras unidades léxicas contemporâneas.

São exemplos paradigmáticos desse modelo: ‘pedra, flor, feliz, casa e ler’, que servem como bases para diferentes famílias morfológicas. Exemplarmente, derivam destas, vocábulos como “pedreiro, florista, infeliz, casarão e leitura”, as quais ilustram, em definitivo, os efeitos semânticos e morfossintáticos decorrentes das operações até aqui mencionadas.

Vê-se, assim, que as palavras desde aí derivadas, resultam mesmo da adição de afixos – prefixos ou sufixos – ou de outros processos de derivação, produzindo novas formas dotadas de significados específicos ou pertencentes a outras classes gramaticais.

Em contraste, a composição constitui um processo que envolve a combinação de dois ou mais radicais ou palavras autônomas, originando novas unidades lexicais. Assim, verbetes compostos como ‘girassol, guarda-chuva e passatempo’ demonstram como a composição estabelece relações semânticas e estruturais distintas da derivação. A literatura morfológica evidencia que ‘derivação’ e ‘composição’ se distinguem tanto em seus princípios quanto em seus efeitos estruturais (Booij, 2010; Basílio, 2010; Vitral; Neves, 2017). Para fins pedagógicos, essa diferenciação é fundamental para que o aluno compreenda a variedade de estratégias de formação de palavras e reconheça regularidades no funcionamento do léxico.

A análise mórfica – também denominada análise segmental – permite decompor a palavra em seus constituintes mínimos, identificando o papel desempenhado por cada morfema. Essa operação, central nas abordagens estruturalistas (Bloomfield, 1933) e revisitada em modelos contemporâneos, possibilita ao falante reconhecer padrões formais e semânticos, favorecendo a ampliação da competência lexical.

Os afixos, morfemas dependentes que se agregam ao radical, organizam-se principalmente em prefixos e sufixos, conforme sua posição e seus efeitos estruturais, a saber:

a) Prefixos

Os prefixos se posicionam à esquerda do radical, e atuam predominantemente na modificação semântica da palavra, introduzindo matizes como negação, repetição, oposição, anterioridade, intensidade ou modalização. No Português, destacam-se:

re- (rever, reescrever);
des- (desfazer, desleal);
in- (infeliz, incapaz); e,
pré- (pré-histórico, pré-escolar).

Os prefixos, na Língua Portuguesa, têm origem principal no Latim e no Grego, sendo que, a maioria, vem do primeiro. Assim, é que se pode dizer que uma das facetas essenciais do Português, é a de que ele é uma língua neolatina, enquanto que, os de origem grega, são frequentemente encontrados em termos científicos, técnicos ou filosóficos. Segundo Booij (2010), inclusive, os prefixos, quer de um ou de outro idioma, raramente alteram a classe

gramatical da base, característica que os diferencia dos sufixos, em termos de produtividade morfossintática.

b) Sufixos

Os sufixos, ao seu turno, se posicionam à direita do radical, e possuem maior potencial para modificar, tanto o sentido quanto a classe gramatical da base. Entre os sufixos de maior produtividade no Português, estão:

- eiro (pedreiro, carpinteiro);
- ista (florista, dentista);
- ura (leitura, ternura);
- mente (rapidamente, felizmente); e,
- ção (criação, ação).

Os sufixos desempenham papel fundamental na organização do léxico, permitindo a formação de substantivos deverbais (escrita, → de escrever), adjetivos denominais (beleza, → de belo), entre outras possibilidades sistematicamente descritas na literatura.

c) Tipos de Derivação: Uma Tipologia Ampla e Estruturada

A derivação constitui um dos processos mais produtivos da morfologia do Português. Sua tipologia, amplamente consolidada na literatura brasileira (Basílio, 2010; Rocha, 2019), envolve mecanismos distintos e sistemáticos de alteração lexical e semântica. Assim, é que, a:

c.1) Derivação prefixal

Envolve a adição de um prefixo à base lexical, geralmente sem alteração de classe gramatical, tal como acontece em: ‘reescrever, desfazer, infeliz’.

c.2) Derivação sufixal

Caracteriza-se pela adição de sufixos que, frequentemente, alteram a classe ou expandem o significado: ‘leitura, pedreiro, beleza’.

c.3) Derivação prefixal e sufixal (parassintética)

Ocorre, quando prefixo e sufixo são adicionados simultaneamente: ‘infelizmente, deslealdade, reclassificação’.

A literatura enfatiza que, na parassíntese, a retirada de apenas um dos afixos inviabiliza o vocábulo, sugerindo interdependência estruturante (Basílio, 2010).

c.4) Derivação regressiva

Forma substantivos por encurtamento da base verbal, com mudança de classe, como em: 'pesca, venda, compra'.

c.5) Derivação imprópria (conversão)

Promove mudança de classe sem alteração formal, como em: 'o jantar, o correr, o belo'.

Esse processo revela a permeabilidade entre categorias gramaticais e o papel do contexto na interpretação lexical.

A compreensão dessa tipologia, permite ao estudante não apenas reconhecer padrões morfológicos, mas também compreender o dinamismo do sistema lexical, que se articula constantemente para atender demandas de expressividade e precisão semântica.

4. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O 6º ANO: ESTRUTURA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

A sequência didática a ser proposta para o 6º ano do Ensino Fundamental, sustenta-se nos princípios da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (MALA), que orienta a passagem gradual do conhecimento intuitivo para a formalização sistemática de conceitos, atingida, por meio da observação e análise de dados linguísticos reais.

Inspirada em uma perspectiva sociocognitiva e em pressupostos da Linguística Aplicada, a proposta tem como objetivo central, desenvolver a consciência morfológica dos estudantes, permitindo que reconheçam regularidades, compreendam mecanismos de formação de palavras e mobilizem esse conhecimento na leitura e na produção textual.

Organizada em cinco aulas de 50 minutos (totalizando 250 minutos), a proto sequência busca articular saberes prévios e postulados gramaticais formais, valorizando a atividade do aluno e sua competência linguística já estabelecida.

Etapas de desenvolvimento

a) Fase I

O trabalho inicia-se, com uma fase diagnóstica, voltada à ativação do conhecimento prévio dos estudantes. Nessa etapa, os alunos respondem a um questionário intuitivo, sem terminologia técnica, que os convida a refletirem espontaneamente sobre a formação de palavras – por exemplo, ao sugerir novas palavras derivadas de ‘chuva’ ou ao explicar o efeito de um prefixo como ‘des-’ em uma palavra como ‘desfazer’. As respostas, neste ponto, podem desvelar hipóteses, regularidades e percepções já internalizadas pelos alunos, permitindo ao Professor identificar pontos de partida para o trabalho posterior. A função pedagógica dessa etapa, é reconhecer que os estudantes não iniciam sua trajetória gramatical como tábulas rasas; ao contrário, possuem uma competência linguística implícita, que deve ser mobilizada e ampliada ao longo do processo.

b) Fase 2

A segunda fase, dedicada à exploração intuitiva e à coleta de dados, constitui o momento investigativo da proposta. Em uma Oficina de Famílias de Palavras, os alunos, organizados em grupos, recebem palavras primitivas como ‘pedra, flor, ler, feliz, casa’ e outras, com o desafio de gerar o maior número possível de palavras derivadas. Esse movimento favorece a manipulação ativa de dados linguísticos e possibilita que os estudantes, pela observação e experimentação, identifiquem padrões linguísticos como acréscimo de sufixos, inserção de prefixos, variações de significado e alterações de classe gramatical. Após a produção, o Professor organiza as palavras levantadas, isto é, os dados obtidos, no quadro, e promove uma discussão orientada por meio de questões que ajudem os estudantes a sistematizarem suas observações: ‘que elementos foram acrescentados?’, ‘quais mudanças de sentido ocorreram?’, ‘como os padrões se repetem entre palavras distintas?’. Esse momento colaborativo, permite que os alunos formulem suas primeiras hipóteses sobre os mecanismos morfológicos.

c) Fase 3

A terceira fase, introduz a conceitualização formal, em que os conceitos gramaticais emergem diretamente das descobertas realizadas pelos alunos. Assim, no lugar de definições descontextualizadas, apresentam-se noções de como a palavra primitiva, a palavra derivada, o afixo, o prefixo, o sufixo, a derivação e a composição compõem generalizações sistemáticas das regularidades observadas anteriormente. Essa abordagem, condizente com a MALA, reforça a relação entre dados empíricos e a formalização teórica. Exercícios específicos, neste

estágio, fortalecem o entendimento, especialmente aqueles alinhados à habilidade EF67LP35 da BNCC, que solicita o reconhecimento e a diferenciação entre palavras derivadas e as compostas. Os estudantes são convidados a classificar palavras, identificar afixos, distinguir processos de formação e analisar mudanças de significado, consolidando a progressão do intuitivo ao formal.

d) Fase 4

A quarta fase, intitulada ‘Detetives de Palavras’, direciona os alunos à aplicação do conhecimento adquirido, agora em textos autênticos. A atividade envolve a identificação de palavras derivadas em narrativas, poemas, notícias ou outros gêneros, seguida pela análise detalhada dos afixos utilizados, do tipo de derivação envolvida (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva ou imprópria) e da relação semântica entre a palavra primitiva e sua derivada. A etapa, culmina com um momento de metacognição, no qual os alunos são convidados a refletirem sobre suas estratégias cognitivas: ‘como identificaram os morfemas?’, ‘que pistas do texto favoreceram a análise?’, ou ‘por que classificaram uma palavra como derivada ou composta?’. Essa reflexão, essencial dentro da lógica da MALA, fortalece a autonomia e a consciência linguística, elementos fundamentais para a aprendizagem significativa.

e) Fase 5

A quinta e última fase da proposta, compreende a aplicação de um pós-teste, semelhante ao diagnóstico inicial, porém, utilizando terminologia formal. A comparação entre pré e pós-teste permitirá observar o desenvolvimento conceitual dos estudantes e avaliar o impacto da sequência didática na compreensão dos processos morfológicos.

Ao final, o Professor promove um fechamento reflexivo, evidenciando como a formalização gramatical resulta de regularidades que os próprios alunos identificaram e que já mobilizavam intuitivamente no uso cotidiano da língua. Essa síntese final, reforça-se, na proposta, a ideia de que o ensino de gramática não deve ser dissociado das práticas reais de linguagem, mas construído a partir delas, em diálogo constante entre intuição, observação e sistematização.

Ancorada em princípios educativos amplamente reconhecidos – como a progressão do simples ao complexo, a significação como eixo da aprendizagem e o protagonismo intelectual do estudante –, a presente sequência didática demonstra que o ensino de

morfologia pode ser, não apenas rigoroso e cientificamente fundamentado, mas também dinâmico, investigativo e profundamente significativo para os alunos.

Essa abordagem, coerente com uma visão contemporânea de educação linguística, contribui para formar sujeitos capazes de compreender o funcionamento da língua e utilizar esse conhecimento, de maneira crítica e reflexiva, em diferentes práticas de leitura e de escrita.


5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reestruturação do ensino de gramática na escola contemporânea exige a integração cuidadosa e reflexiva da análise formal, das práticas sociais de linguagem e de metodologias que promovam o Aluno como agente ativo e protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. A análise desenvolvida neste artigo, demonstra que a concepção ampliada de gramática, conforme discutida por Schneider e Pessoa (2025) e por perspectivas contemporâneas em educação linguística, é absolutamente fundamental para superar as abordagens prescritivas tradicionais e para viabilizar práticas pedagógicas verdadeiramente significativas e transformadoras.

A descrição aprofundada dos fenômenos morfológicos e a proposta de sequência didática fundamentada na MALA, em consonância com os estudos de Martins Júnior e Minussi (2024), reforçam a centralidade inegável da formação de palavras para o desenvolvimento da consciência morfológica e, conseqüentemente, para a ampliação do repertório lexical dos estudantes. A MALA, ao priorizar a observação sistemática, a análise reflexiva e a metacognição, permite que o estudante construa o conhecimento sobre derivação, de forma contextualizada, significativa e duradoura.

A presente proposta de sequência didática se ajusta com bom margem de exatidão, à Habilidade linguística e cognitiva que, na BNCC, responde pelo código: EF67LP35, que tem como público-alvo, alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Em tal atributo curricular, se molda que, quanto à descrição, se deve trabalhar a distinção de palavras derivadas, quer se deem por acréscimo de afixos (prefixos e sufixos), ou por meio de palavras compostas, compreendendo as mais diferentes possibilidades de formação de palavras.

Conclui-se, que a articulação entre a teoria linguística contemporânea, a metodologia ativa e a análise linguística sistemática fortalece significativamente o ensino de Língua



Portuguesa, tornando-o mais coerente com as demandas formativas da Base Nacional Comum Curricular e com a realidade linguística plural e heterogênea dos estudantes brasileiros.

Sugere-se que, em futuras pesquisas, se investiguem empiricamente os efeitos dessa sequência didática sobre o desenvolvimento da consciência morfológica e sobre o desempenho em leitura e escrita dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASILIO, Margarida. *Formação de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BOOIJ, Geert. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, 2018.
- CARLISLE, Joanne. Morphological awareness and early reading achievement. *Journal of Educational Psychology*, v. 87, n. 2, p. 218–229, 1995.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- MARTINS JÚNIOR, José; MINUSSI, José Carlos. Discutindo o ensino de derivação na Educação Básica à luz da Aprendizagem Linguística Ativa. *Revista de Estudos Linguísticos Aplicados*, 2024.
- NAGY, William; ANDERSON, Richard. *How many words are there in printed school English?* Reading Research Quarterly, v. 19, p. 304–330, 1984.
- NAGY, William; HERMAN, Patricia. Breadth and depth of vocabulary knowledge: Implications for acquisition and instruction. In: MC KEOWN, M.; CURTIN, M. (Eds.). *The Nature of Vocabulary Acquisition*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 19–35.
- PILATI, Eloisa. *Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (MALA)*. Brasília: Editora UnB, 2017.
- ROCHA, Luiz Carlos da. *Introdução à morfologia*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- SCHNEIDER, Luizane; PESSOA, Marcelo. Desafios de formação docente frente à educação linguística e ao ensino gramatical. *Revista Akedia – Versões, Negligências e Outros Mundos*, v. 17, p. 124-149, 1º e 2º sem. 2025. DOI: 10.33726/akedia2447-7656v17a112025p124a149.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º grau*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- VITRAL, Lorenzo; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2017.